

ANÁLISE PRELIMINAR DAS PINTURAS RUPESTRES DE MONTE ALEGRE (PA)

Edithe Pereira¹

RESUMO - Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica referente as informações sobre a existência de pinturas rupestres no Município de Monte Alegre (PA) e analisa, com base em um estudo in loco, as pinturas rupestres de seis sítios arqueológicos no referido Município. A análise apresenta alguns elementos caracterizadores dos grafismos da área, aponta diferenças técnicas entre grafismos de cores distintas e indica traços análogos de um grafismo desta região com os típicos da Tradição Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Pintura rupestre, Arqueologia, Pré-história Amazônica.

ABSTRACT - This paper presents a bibliographic revision relating to rock paintings from Monte Alegre (PA). It analyzes the rock painting of six archeological sites. The analyse shows some drawing characterizing elements from this area, pointing out different techniques and indicating similar pieces of drawing between the paintings from Monte Alegre area and the Northeast Tradition.

KEY WORDS: Rock painting, Archeology, Amazonic prehistory.

¹ MCT-PR/CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi - Dept^o de Ciências Humanas. Caixa Postal 399, CEP 66.017-970, Belém-PA.

INTRODUÇÃO

As pinturas e gravuras rupestres ocorrem em grande quantidade por toda a Amazônia brasileira. No entanto, estudos sistemáticos sobre esses vestígios arqueológicos na região são ainda incipientes e as informações existentes sobre o assunto são oriundas, basicamente, de uma bibliografia não especializada. Tais informações podem ser encontradas, principalmente, em relatos de viajantes e naturalistas, nos trabalhos de geólogos e etnólogos (principalmente aqueles de fins do século XIX e primeira metade do século XX), em alguns relatórios publicados pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites e em trabalhos de natureza corográfica.

A bibliografia especializada, produzida em fins do século XIX e primeira metade do século XX, traz uma série de informações sobre os registros rupestres da Amazônia. Caracterizadas por abordarem temas gerais da arqueologia sul-americana e, em particular do Brasil, essas obras dedicam uma atenção especial às informações fornecidas, por viajantes e naturalistas, sobre locais onde ocorrem pinturas e gravuras rupestres, assim como as considerações de autores sobre o seu significado².

A partir da década de 50, pesquisas arqueológicas mais sistemáticas começam a ser desenvolvidas e geram uma literatura ainda mais especializada. No entanto, as gravuras e pinturas rupestres não são ainda objeto de pesquisa. Menções mais recentes sobre a existência de locais com registros rupestres são encontradas em relatórios de viagem ou de pesquisa que, dificilmente, chegam a ser publicados.

Os poucos estudos específicos sobre os registros rupestres da Amazônia, dedicam-se mais a localizar, descrever e comparar os registros rupestres de uma região com outra, do que analisá-los no contexto arqueológico da própria região³.

Com base em informações bibliográficas, apresentamos um quadro

² Destacamos, entre outros, os trabalhos de Araripe (1887); Carvalho (1909); Farabee (1916); Morais (1924); Matos (1938); Brandão (1937); Ramos (1930/39); Rouse (1949); Pereira Júnior (1952/67) e Costa (1980).

³ Podemos citar os trabalhos de Brajnikov (1974); Grabert & Schobinger (71); Koch-Grumberg (1907) e Ribeiro (1987/89). Incluem-se ainda os trabalhos de Dubelaar (1986) e William (1985) que, apesar de estarem voltados, principalmente, para os registros rupestres existentes na região do Circum-Caribe e das Guianas, abordam algumas regiões da Amazônia brasileira, principalmente nas áreas fronteiriças com as Guianas e com a Venezuela.

geral da situação atual do conhecimento sobre os registros rupestres nos Estados do Pará Maranhão e Tocantins. A análise dessas informações bibliográficas permitiu a formulação de hipóteses e a apresentação de algumas propostas de pesquisa a serem desenvolvidas (Pereira 1990).

O Estado do Pará apresentou o maior número de informações, permitindo identificar 58 locais com registros rupestres. Tais informações foram posicionadas em um mapa geral do Estado, que permitiu visualizar a distribuição espacial dos locais identificados. Observa-se nesse mapeamento uma concentração de informações na região noroeste do Pará, a qual detém 37, dos 58 locais com registros rupestres identificados em todo o Estado.

Iniciar o estudo dos registros rupestres do Estado do Pará pela sua porção noroeste, foi uma opção fundamentada não só na constatação de um elevado número de locais com registros rupestres, mas também pela rentabilidade científica que ela oferece. O potencial científico dessa área foi estabelecido a partir da análise preliminar feita com base nas fontes bibliográficas. Foram feitas três constatações: 1) diferenças nas formas de apresentação⁴ das pinturas rupestres em diversos pontos da área; 2) presença, na área, de elementos próprios da Tradição Nordeste de pinturas rupestres do nordeste brasileiro; 3) existência, entre as gravuras rupestres, de características próprias que permitem levantar a hipótese de uma possível tradição para a área.

A região noroeste do Pará compreende uma área de cerca de 271.000 Km², abrangendo os Municípios de Almeirim, Monte Alegre, Alenquer, Óbidos, Oriximiná, Faro e parte do Município de Prainha. Dois fatores tornaram inviável, a curto prazo, a prospecção arqueológica em todo o noroeste do Pará: a) as dimensões regionais e as dificuldades de acesso aos locais da pesquisa e, b) as dificuldades de permanência nos locais da pesquisa devido à falta de infra-estrutura, o que elevaria de forma importante os custos do projeto. Restringimos, portanto, a área da pesquisa à região do baixo Amazonas, na qual foram incluídos os Municípios de Prainha, Monte Alegre, Alenquer, Óbidos e Oriximiná.

Este artigo apresenta os primeiros resultados do trabalho realizado no Município de Monte Alegre. O caráter inicial da pesquisa não permitirá propor uma classificação preliminar. O objetivo é o de realizar um

⁴ As formas de apresentação gráfica são resultantes de um sistema de representação social, ou seja, da maneira como os membros de um grupo expressam graficamente as suas formas de apresentação social. Para Pessis (1987) "Um sistema de apresentação social é constituído por modalidades a partir das quais os membros de um grupo humano expõe e se expõe à observação de acordo com regras de comportamento".

primeiro estudo destinado a fazer o levantamento na área e segregar os elementos caracterizadores dos registros rupestres.

MONTE ALEGRE - Localização, História e Revisão bibliográfica

O Município de Monte Alegre está localizado na margem esquerda do rio Amazonas e faz parte, junto com outros nove municípios, da mesorregião do baixo Amazonas⁵. Monte Alegre mantém limites com os Municípios de Alenquer a oeste, Óbidos a nordeste, Almeirim a leste, Prainha a sudeste e Santarém ao sul.

A cidade de Monte Alegre, situada a 2°00'00" de latitude sul e 54°04'13" de longitude oeste Gr., representa uma das mais antigas fundações urbanas da Amazônia. Não se conhece a data precisa da sua fundação, no entanto, a tradição oral atribui aos Padres de Piedade (pertencentes a Ordem de São Francisco de Assis) a responsabilidade pela sua criação.

A aldeia indígena de Gurupatuba, localizada às margens do rio de mesmo nome, foi o núcleo que deu origem à cidade de Monte Alegre. Constituída, inicialmente, como freguesia, Gurupatuba foi elevada a categoria de vila no ano de 1758, passando então a denominar-se Monte Alegre; em 1880 a Vila de Monte Alegre é elevada à categoria de cidade.

Desde os primeiros séculos de conquista e colonização a região do baixo Amazonas constitui um dos trechos mais percorridos da Amazônia. Um grande número de vilas e povoados foram visitados durante os séculos XVII, XVIII e XIX por religiosos, viajantes e naturalistas que deixaram em seus relatos de viagem importantes informações.

Uma das mais antigas menções sobre Monte Alegre foi feita no ano de 1639, pelo frei Cristovam de Acuña, jesuíta que acompanhou Pedro Teixeira em sua viagem de volta de Quito ao Pará. Acuña refere-se ao então povoado de Gurupatuba como sendo "a primeira povoação ou aldeia que os portugueses tem em paz e submissão a sua coroa" (Acuña 1941:275).

Várias outras referências sobre Monte Alegre são encontradas na literatura oriunda dos séculos XVII e XVIII. Destacamos aqui as des-

⁵ A mesorregião do Baixo Amazonas é constituída pelos Municípios de Faro, Juriti, Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Prainha, Santarém, Almeirim e Porto de Moz (informações obtidas no IBGE/PA).

crições feitas por Maurício de Heriarte, em 1662 (Heriarte 1874:34), pelo padre João Felipe Bettendorf, em 1681 (Bettendorf 1990:344) e pelo frei João de São José, em 1762 (São José 1869:341).

Apesar de Monte Alegre ser mencionada com frequência na literatura deste período - século XVII e XVIII - é somente na literatura do século XIX que se encontram as primeiras informações escritas sobre a existência de pinturas rupestres na área.

O naturalista inglês Alfred Wallace é responsável por uma das primeiras informações escritas sobre as pinturas rupestres de Monte Alegre. Datam de 1848 e, nelas registra a ocorrência de pinturas rupestres, fornecendo informações sobre a cor, forma e dimensões das pinturas observadas (Wallace 1979:101). A reprodução das pinturas não chegou a ser publicada, pois foi perdida no incêndio que destruiu o navio no qual Wallace regressava a Inglaterra.

O geólogo canadense Charles Frederick Hartt, contribuiu de maneira fundamental aos estudos pioneiros sobre a geologia da Amazônia e às investigações arqueológicas. Iniciando os estudos na Amazônia durante sua viagem em 1870, Hartt explora, no Baixo Amazonas, a região de Monte Alegre e do Ererê. Desta viagem, conhecida como Expedição Morgan, resulta uma série de trabalhos sobre geologia e arqueologia. Entre eles aparecem publicados, pela primeira vez, os desenhos das figuras pintadas de Monte Alegre⁶. Através de uma minuciosa descrição, Hartt discorre sobre as formas e dimensões das figuras, seu estado de conservação, a técnica de execução e a matéria-prima utilizada na sua confecção (Hartt 1895:303).

Em 1933 o geólogo Frederich Katzer publica a obra "Geologia do Estado do Pará", na qual descreve aspectos geológicos do baixo Amazonas e informa sobre a existência de pinturas rupestres na região de Monte Alegre. No setor norte da serra do Ererê registra "um grande bloco isolado de arenito, com a superfície lisa", o qual estava coberto de "inscrições e desenhos indígenas". Nesse mesmo local, em uma pequena cavidade localizada próximo ao paredão com pinturas, Katzer encontrou uma ossada humana, que o levou a concluir que o local representava, segundo suas próprias palavras "um monumento sepulchral" no qual deveriam estar enterrados chefes indígenas (Katzer 1933:115).

⁶ Este trabalho, foi publicado originalmente em 1871 pela *American Naturalist* (5) com o título de "Brazilian Rock Inscriptions".

Nos anos de 1954/55 o alemão Manfred Rauschert percorre a região do Baixo Amazonas chegando até o rio Nhamundá, na fronteira com o Estado do Amazonas. De sua estada em Monte Alegre, Rauschert informa sobre a existência de pinturas localizadas nas serras da Lua e do Sol (Rauschert 1956:111).

Todas as informações acima mencionadas são resultado da observação direta dos autores citados, e foram até início da década de 80, utilizadas por diversos outros autores como referência para as indicações de pinturas rupestres.

Em 1984, o Grupo Espeleológico do Pará - GEP, inicia um projeto que visa o registro e a exploração das cavernas da região de Monte Alegre. Os resultados dessa pesquisa estão no "Roteiro Espeleológico da Serra do Ererê e Paituna - Monte Alegre (PA)" (Silveira et al. 1984), que oferece também uma série de informações relativas a diversos sítios arqueológicos na região. Nesse trabalho, o GEP registra a existência de seis sítios arqueológicos com pinturas rupestres, apresentando um mapa com a localização dos sítios e diversas fotos das pinturas rupestres.

Em 1986 Mário Consens visita Monte Alegre e, utilizando os critérios de registro para os sítios arqueológicos localizados na Amazônia Legal Brasileira (Simões & Araújo Costa 1978) cadastra os seis sítios anteriormente registrados pelo GEP. As informações fornecidas por Consens sobre as pinturas rupestres são muito gerais, e o trabalho em si peca pela ausência de definição em certos termos utilizados para a análise das pinturas, como p. ex. "unidades topográficas" e "unidades morfológicas", cujo entendimento fica perdido para a compreensão da análise feita. Além das considerações de caráter geral que são feitas, em nenhum momento Consens apresenta uma proposta concreta de pesquisa para a área.

As pinturas rupestres de Monte Alegre voltam a ser tema de estudo em 1990. Com base nas informações bibliográficas e no material visual existente (fotos e desenhos), foram analisados aspectos relativos à técnica e às formas de apresentação das pinturas. A análise das pinturas de Monte Alegre permitiu constatar diferenças técnicas e gráficas em relação as existentes no Município de Alenquer. As de Monte Alegre apresentam traços grosseiros, que se opõem aos mais delicados das pinturas existentes em Alenquer. A diferença também é verificada nas formas de apresentação das pinturas existentes nos dois municípios (Pereira 1990). A constatação destas diferenças leva à necessidade de uma prospecção intensiva nas duas áreas para verificar se estas diferenças persistem e qual é o seu limite espacial.

O AMBIENTE

O Município de Monte Alegre está localizado em uma área com características ambientais distintas daquelas de floresta tropical úmida. Trata-se de uma área de formação vegetal aberta onde predominam os campos de terra firme. Ocorrem também, em menor proporção, ambientes de várzea junto as margens do rio Amazonas e algumas áreas de mata tropical.

Variações locais de clima, topografia e solos são responsáveis pela diversificação da cobertura vegetal na região amazônica, favorecendo a formação de áreas de vegetação aberta ou não florestal, que aparecem como enclaves ou manchas interrompendo o conjunto da floresta.

A área onde estão localizados os sítios arqueológicos apresenta uma vegetação típica de campos de terra firme. Este tipo de formação não florestal é também conhecido, na Amazônia, como campos cobertos e, assemelham-se fisionomicamente aos campos cerrados do Brasil Central apresentando, no entanto, características florísticas próprias. Shubart (1983:114) caracteriza os campos de terra firme da Amazônia como áreas que apresentam pequena biomassa, domínio de gramíneas, ciperácias e plantas de baixo porte. As plantas lenhosas são representadas por arbustos e árvores tortuosas de troncos cascudos e corticosos localizados de maneira bastante espaçada entre si. Esta situação contribui para que os campos fiquem sujeitos a ação do fogo nos períodos mais secos.

Os solos onde ocorrem os campos são, “principalmente argilosos desenvolvidos em rochas do período devoniano (p. ex. Campos de deserto) e arenosos, associados a erosão das serras do Ererê e Paituna onde afloram arenitos do carbonífero” (Silveira 1984).

Geomorfologicamente a área em questão apresenta um relevo planáltico onde as cotas topográficas variam entre 50 e 220 metros. Este relevo, de tipo residual, corresponde as serras e montanhas do tipo cuesta e “hogbacks”, formando normalmente um conjunto de serras isoladas. As serras do Ererê, Paituna e Itauajuri são apontadas por Silveira (1984) como as que melhor exemplificam o relevo residual existente na região.

Silveira (1984), tomando como base os critérios de Goodland para a classificação dos campos do Brasil Central, inclui as variações encontradas nas serras do Ererê, Paituna e seus arredores como: *Campos limpos*, caracterizados pela ausência de vegetação lenhosa (Campos do deserto); *Campos sujos*, onde ocorrem arbustos com até três metros de

altura e; *Cerrados*, com árvores pequenas de até seis metros de altura.

Os sítios arqueológicos com pinturas rupestres aqui analisados estão localizados nas serras do Ererê, Paituna e Bode. Estas serras estão situadas a cerca de 40 Km a oeste da cidade de Monte Alegre.

A serra do Ererê estende-se por mais de 4 Km de comprimento no sentido leste-oeste, com uma largura que varia de 1,5 a 2,0 Km e atinge sua cota máxima a 220 metros de altura. A serra apresenta-se bastante acidentada e irregular sendo "comuns as encostas abruptas com precipícios de mais de 100 metros de desnível, terminando por encontrar centenas de blocos rochosos soltos em solo essencialmente arenoso (...). O topo, fortemente aplainado, é coberto por blocos de rochas de dimensões variadas" (Silveira 1984). A extremidade oeste da serra é conhecida como Serra da Lua.

A Serra do Bode, que também é conhecida como Serra do Aroxi, está localizada em frente ao flanco oeste da Serra do Ererê. Essa Serra apresenta uma base arredondada e se estende por cerca de 1 Km de comprimento. Atingindo uma altitude média de 100 metros, a serra apresenta sua encosta repleta de blocos de pedra que dificultam a subida.

Localizada a 2 Km ao sul da Serra do Ererê, a Serra do Paituna estende-se por cerca de 3 Km de comprimento e aproximadamente 200 metros de altura. Da mesma forma que a Serra do Ererê, a Serra do Paituna apresenta-se com paredões abruptos e declives acentuados. Nas encostas e no topo dessa serra há uma série de grutas e inúmeros blocos rochosos que assumem formas exóticas desenvolvidas a partir da ação diferencial da erosão.

AS PINTURAS RUPESTRES

Os sítios com pinturas rupestres aqui analisados somam um total de seis e estão localizados nas encostas das serras do Ererê, do Paituna e do Bode (Figura 1). Os sítios⁷ estão assim distribuídos:

⁷ A sigla apresentada corresponde ao sistema de cadastramento de sítios arqueológicos utilizado pela Área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Essa sigla é composta pela abreviação da subunidade nacional (PA-Pará), da subunidade local (MT-Monte Alegre), por um número que corresponde à ordem de sua descoberta ou do seu registro e, por fim, o nome do sítio (Simões & Araújo Costa, 1978:10).

SERRA DO ERERÊ

SERRA DO PAITUNA

SERRA DO BODE

PA-MT-1: Pedra do Mirante

PA-MT-2: Gruta do Pilão

PA-MT-5: Caverna do Diabo

PA-MT-4: Serra da Lua

PA-MT-3: Pedra do Pilão

PA-MT-6: Gruta Itatupaca

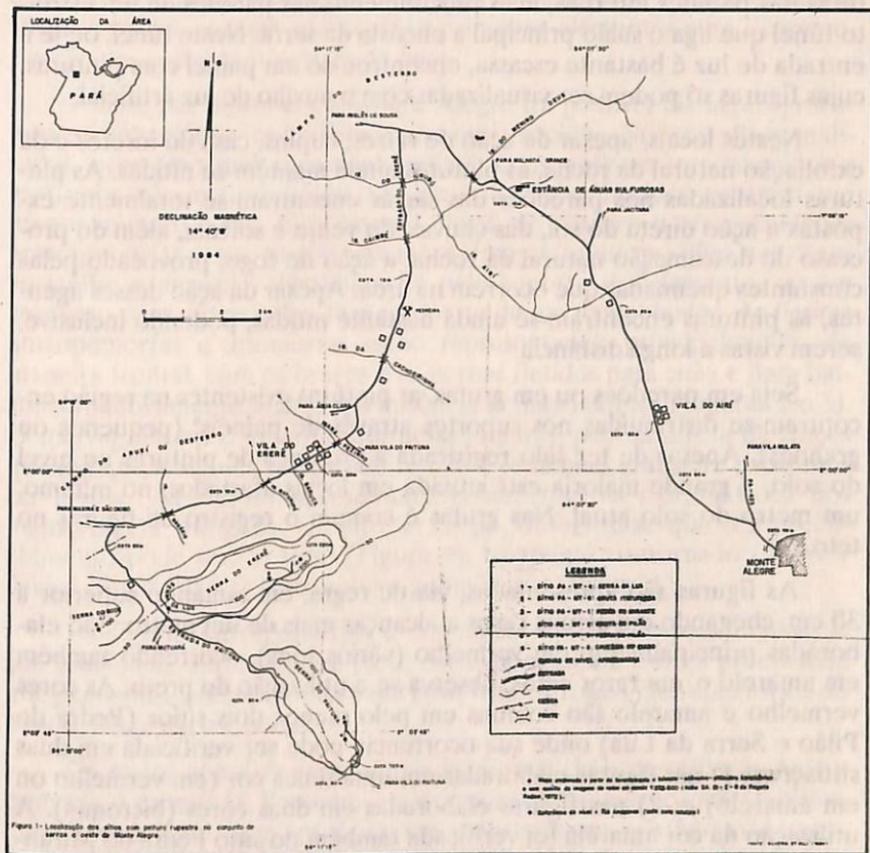


Figura 1 - Localização dos sítios com pintura rupestre no conjunto de serras a oeste de Monte Alegre.

Os painéis com pinturas rupestres tem como suporte as paredes de grutas e os grandes paredões existentes ao longo das serras. As grutas da região, formadas em arenito, são pouco profundas, com desenvolvimento em torno de 150 metros. Nesse tipo de formação rochosa, as pinturas encontram-se localizadas, de uma maneira geral, nas paredes de entrada ou em blocos soltos no interior da gruta.

Na gruta do Pilão (sítio PA-MT-2) registrou-se a existência de pinturas nas paredes internas, mais precisamente nas paredes de um estreito túnel que liga o salão principal a encosta da serra. Neste túnel, onde a entrada de luz é bastante escassa, encontrou-se um painel com pinturas, cujas figuras só podem ser visualizadas com o auxílio de luz artificial.

Nestes locais, apesar da ação de raízes, cupins, casa de insetos e da exfoliação natural da rocha, as pinturas ainda mantêm-se nítidas. As pinturas localizadas nos paredões das serras encontram-se totalmente expostas a ação direta do sol, das chuvas, do vento e sofrem, além do processo de descamação natural da rocha, a ação do fogo, provocado pelas constantes queimadas que ocorrem na área. Apesar da ação desses agentes, as pinturas encontram-se ainda bastante nítidas, podendo inclusive, serem vistas a longa distância.

Seja em paredões ou em grutas, as pinturas existentes na região encontram-se distribuídas nos suportes através de painéis⁸ (pequenos ou grandes). Apesar de ter sido registrada a presença de pinturas no nível do solo, a grande maioria está situada em locais afastados, no mínimo, um metro do solo atual. Nas grutas é comum o registro de figuras no teto.

As figuras são apresentadas, via de regra, em tamanho superior a 30 cm, chegando em alguns casos a alcançar mais de um metro. São elaboradas principalmente em vermelho (vários tons), ocorrendo também em amarelo e, em raros casos, observa-se a utilização do preto. As cores vermelho e amarelo são comuns em pelo menos dois sítios (Pedra do Pilão e Serra da Lua) onde sua ocorrência pode ser verificada em duas situações: 1) nas figuras elaboradas em uma única cor (em vermelho ou em amarelo) e: 2) nas figuras elaboradas em duas cores (bicromia). A utilização da cor amarela foi verificada também no sítio Pedra do Mirante. Um único caso de figura tricromada foi registrado (Gruta Itatupaoca).

⁸ Entende-se por painel o conjunto de figuras que mantém entre si uma proximidade espacial formando, visualmente, um único conjunto. O termo é também utilizado para o caso de uma única figura localizada isoladamente.

As superposições existem e ocorrem, principalmente, entre figuras de cores diferentes (amarelo e vermelho), ocorrendo também entre figuras de mesma cor (vermelho).

Entre os grafismos elaborados na cor amarela prevalecem os traços disformes, grandes manchas e mãos em positivo. Os grafismos elaborados em vermelho, em relação aos elaborados em amarelo, apresentam uma confecção mais cuidadosa e uma maior variedade nas formas apresentadas. Em meio a esta variedade de formas foi observada a manutenção de traços comuns, os quais oferecem os primeiros elementos para a caracterização das pinturas rupestres da área.

Assim, nas pinturas de Monte Alegre foi possível distinguir grafismos reconhecidos e os grafismos não reconhecidos. Nos seis sítios analisados, ocorrem simultaneamente painéis com grafismos reconhecidos e grafismos não reconhecidos. Os grafismos reconhecidos ocorrem em menor número e são, basicamente, mãos em positivo e representações antropomorfas e zoomorfas. As mãos, impressas em positivo nas cores vermelho e amarelo, distribuem-se pelo suporte isoladamente, ou em conjunto com outras mãos fazendo parte de um painel maior. As figuras antropomorfas e zoomorfas estão representadas, principalmente, de maneira frontal, com os braços e as pernas fletidos para cima e para baixo, respectivamente, indicando ausência de movimentos (Figuras 2 e 3). O individualismo é identificado, nessas figuras, pela ausência de traços que indiquem alguma relação entre elas e os demais grafismos existentes no painel. As figuras apresentam, geralmente, as extremidades dos membros em tridígitos. Quanto ao corpo, observou-se que seu preenchimento pode ser: a) total (Figura 4); b) apenas contornado (interior vazio) (Figura 4) e c) com motivos geométricos (Figura 1).

As figuras antropomorfas e zoomorfas, quando representadas na sua totalidade, apresentam a parte correspondente à cabeça preenchida integralmente, apenas contornada e/ou com os traços identificatórios do rosto (olhos, nariz e boca).

Os rostos aparecem como uma das formas de representação antropomorfa e zoomorfa. Possuem, invariavelmente, a indicação de os olhos, nariz e boca, sendo que em alguns casos observa-se a existência de traços verticais sobre a cabeça (Figura 5). As representações de rosto ocorrem com frequência na área e caracterizam-se pelo isolamento, uma vez que aparecem, preferencialmente, sem o corpo (Figura 7), ou quando este é representado é através de uma estilização inexpressiva e desproporcional ao tamanho da cabeça (Figura 6).

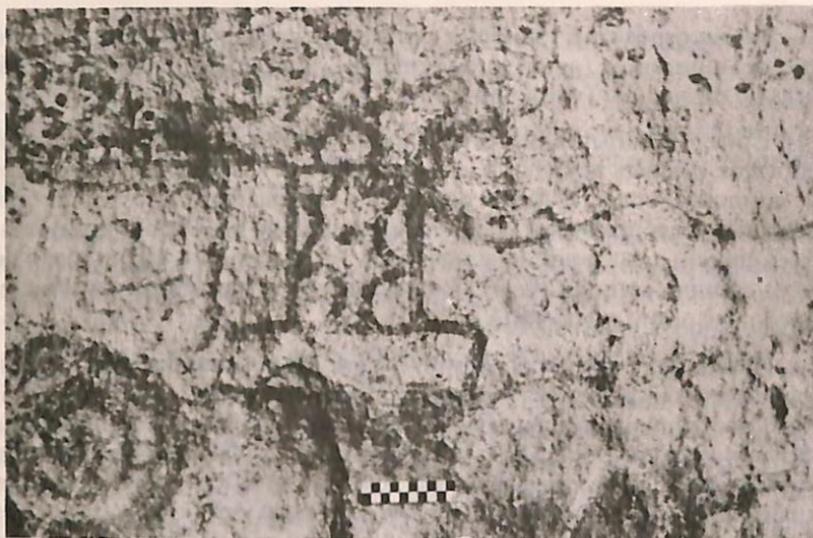


Figura 2 - Sítio PA-MT-2: Gruta do Pilão. Figura antropomorfa com o interior do corpo preenchido com formas geométricas.



Figura 3 - Sítio PA-MT-3: Pedra do Pilão. Figura antropomorfa cujos traços da cabeça são semelhantes àqueles da Subtradição Seridó (Tradição Nordeste).



Figura 4 - Sítio PA-MT-1: Pedra do Mirante. Grafismos reconhecidos com o corpo preenchido totalmente (parte centro-inferior da foto) e apenas contornado (parte inferior à esquerda da foto).



Figura 5 - Sítio PA-MT-4: Serra da Lua. Mãos em positivo e a representação de um rosto elaborado no interior de um nicho natural da rocha.



Figura 6 - Sítio PA-MT-4: Serra da Lua. Representação de um rosto.

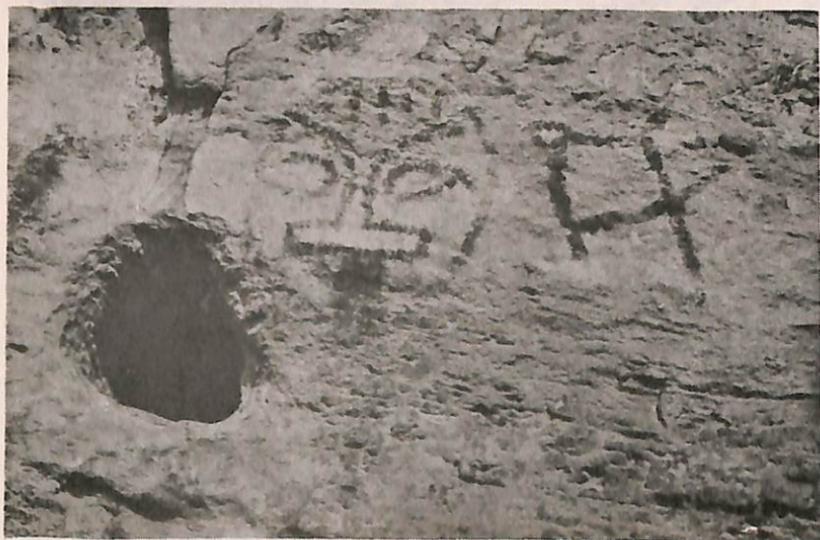


Figura 7 - Sítio PA-MT-4: Serra da Lua. Representação de um rosto.

Encontramos um único grafismo cujos traços mantêm uma analogia com grafismos existentes no Nordeste brasileiro (Figura 2). Trata-se de uma figura antropomorfa cujos traços da cabeça são semelhantes àqueles típicos das figuras da Subtradição Seridó. Somente a partir de uma prospecção mais intensiva é que teremos condições de verificar a persistência ou não deste elemento na área e, as prováveis relações entre o noroeste paraense e o nordeste brasileiro.

Os grafismos não reconhecidos ocorrem em número superior aos grafismos reconhecidos e apresentam as mais variadas formas⁹. Destacamos aqui os grafismos cujas formas aparecem mais constantemente (Figura 8) e outras, menos freqüentes, que revelam um trabalho de composição de traços evidenciando a elaboração de formas mais complexas (Figura 9).

Outros elementos também podem ser indicados como caracterizadores da área, em vista de sua ocorrência ser constante dentro do universo estudado. Desta maneira, podemos incluir como próprio da área, o aproveitamento de determinadas formas naturais da rocha para execução das pinturas. Podemos observar algumas pequenas cavidades que foram contornadas com traços pintados que se prolongam, além do orifício, pela parte lisa da rocha (Figura 10); saliências naturais da rocha foram aproveitadas para compor figuras dando-lhes a impressão de alto relevo e, a opção por elaborar figuras dentro de nichos naturais da rocha (Figura 4).

CONCLUSÃO

Este conjunto de características apresentado para as pinturas rupestres de Monte Alegre é resultado de uma observação preliminar, mas permitem algumas considerações.

As pinturas rupestres de Monte Alegre podem ser analisadas em duas instâncias: 1) dentro de um contexto regional, para verificar possíveis relações com regiões vizinhas e, 2) a nível do contexto local, para identificar elementos próprios da área. Desta forma, caracteriza-se a área contextualizando-a em um universo gráfico maior já conhecido.

⁹ Por serem os grafismos não reconhecidos caracterizados pela ausência de traços que permitam o seu reconhecimento, preferimos mostrar esses grafismos, através de fotos, do que descrevê-los minuciosamente. Pretendemos com isso ilustrar de maneira real as diversas formas como estes grafismos se apresentam na região.



Figura 8 - Sítio PA-MT-4: Serra da Lua. Grafismos não reconhecidos comuns na região de Monte Alegre.



Figura 9 - Sítio PA-M T-4: Serra da Lua. Grafismos não reconhecidos.

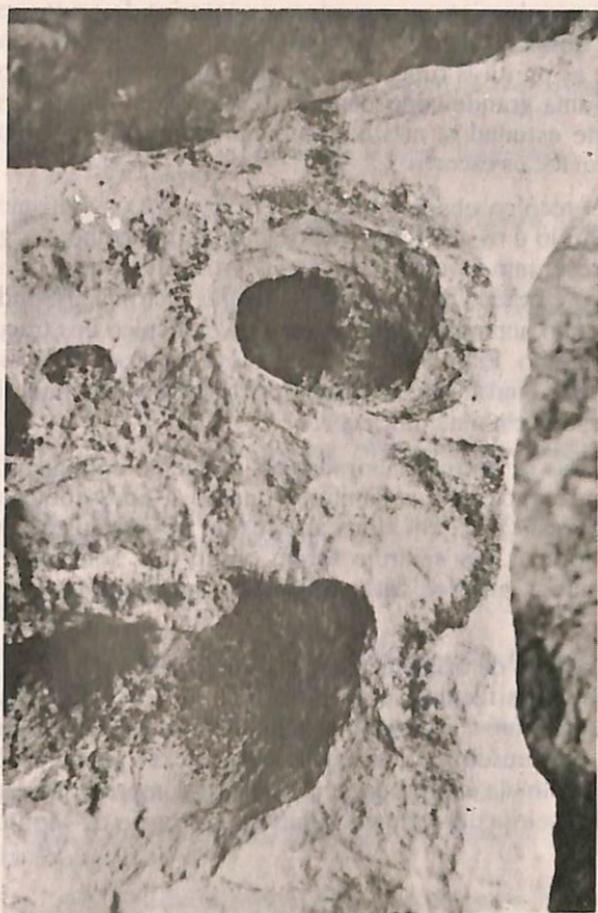


Figura 10 - Exemplo do aproveitamento das formas naturais da rocha para execução de pinturas. Nesta foto observa-se uma cavidade da rocha que foi contornada com pintura vermelha.

Algumas particularidades, a nível da apresentação gráfica, puderam ser verificadas na área, como a ausência de movimentos das representações antropomorfas e zoomorfas e o preenchimento do corpo de algumas destas figuras com traços geométricos. As representações de rosto e as mãos em positivo apresentam-se também como grafismos próprios da área.

A existência de pinturas rupestres no interior de grutas, em locais de pouca ou quase nenhuma luminosidade, é uma característica pouco comum entre as pinturas rupestres existentes no Brasil. No Nordeste, p. ex., onde há uma grande concentração de sítios com pinturas rupestres já amplamente estudados, não há nenhuma menção sobre a existência de pinturas em locais escuros.

No nível técnico observou-se diferenças entre os grafismos elaborados em amarelo e os grafismos elaborados em vermelho. Os grafismos amarelos apresentam-se com traços mais grosseiros que os vermelhos. Essa diferença é detectada também nas figuras bicromadas, onde os traços amarelos não acompanham o mesmo nível técnico dos traços elaborados em vermelho. Esta constatação nos leva a pensar na possibilidade de que as figuras bicromadas tem sua origem no aproveitamento de grafismos elaborados em uma única cor.

As pinturas rupestres elaboradas em vermelho dominam na região e apresentam características similares quanto a apresentação gráfica, quer estejam localizadas em sítios abertos ou no interior de grutas. As pinturas elaboradas em amarelo foram observadas somente nos sítios abertos e mantém, entre si, características técnicas e gráficas semelhantes.

A constatação da existência de grafismos próprios da área, a observação de diferenças técnicas entre grafismos de cores distintas e a presença de um grafismo com traços semelhantes aos existentes no Nordeste brasileiro, se apresentam como questões básicas a serem analisadas de forma mais detalhada, com vistas a uma maior compreensão e caracterização mais minuciosa das pinturas rupestres da região de Monte Alegre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACUÑA, C. 1941. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, p. 125. (Brasileira, 203).
- ARARIPE, T. A. 1887. Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Rio de Janeiro, 50: 213-294.
- BETTENDORF, J. F. 1990. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Secretaria de Estado de Cultura, 697 p. (Série Lendo o Pará, 5).
- BRANDÃO, A. 1937. *A escrita pré-histórica do Brasil; ensaio de interpretação*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 271 p. (Biblioteca de divulgação científica, ii). Apêndice sobre a pré-história de Alagoas.

- BRAJNIKOV, E. M. 1974. De certaines similitudes presentes par les gravures rupestres de l'Amazonie et de la region de lámour-Oussori - *Boll. Cent. Camuno Studi. Preistorici*. 11: 151-167.
- CARVALHO, A. 1909. Pré-história Sulamericana. *Rev. Inst. Arqueol. Geogr. Pernambuc.*, Recife, 14 (76): 129-299, il.
- CONSENS, M. 1989. Arte rupestre no Pará: Análise de alguns sítios de Monte Alegre. *Dédalo*. São Paulo. (1): 265-278. número especial.
- COSTA, A. 1959. *Introdução à Arqueologia Brasileira; etnografia e História*. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 155-164 (Brasiliana, 34).
- DUBELAAR, C. N. 1986. The petroglyphs in the Guianas and adjacent areas of Brazil and Venezuela: An inventory with a comprehensive bibliography of South American petroglyphs. *Monum. Arqueol.*, 12: 1-326.
- DUBELAAR, C. N. 1986. *South American and Caribbean Petroglyphs*. Index. Paris, Dourdrechty Riverton, 249 p. (Caribbean Series. 3)
- FARABEE, W. C. 1916. *Some South American Petroglyphs*. Washington, Holmes, p. 88-95. Anniversary volume.
- GRABERT, H. & SCHOBINGER, J. 1971. Petroglifos a orillas del rio Madeira (NO do Brasil). *An. Arqueol. Etnol.*, Mendoza. 24/25: 93-111.
- HARTT, C. F. 1895. Inscipções em rochedos do Brasil. *Rev. Inst. Arqueol. Pernambuc.*, (47): 301-309.
- HERIARTE, M. 1874. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas*. Viena, Carlos Gerol, 84 p.
- KATZER, F. 1933. Geologia do Estado do Pará. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Hist. Nat. Emogr.*, Belém, 9: 1-269.
- KOCH-GRUMBERG, T. 1907. *Sudamerikanische Felszeichnungen*. Berlin.
- MATOS, A. 1938. In. *Pré-História Brasileira; vários estudos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 220-294. (Brasiliana, 137).
- MORAES, L. J. 1924. Inscipções Rupestres no Brasil. Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas. Rio de Janeiro, (64): 56.
- PEREIRA, E. S. 1990. *As pinturas e gravuras rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins - Estado atual do conhecimento e perspectivas*. Universidade Federal de Pernambuco. Tese de Mestrado.
- PEREIRA JUNIOR, J. A. 1952. O Segredo das Itacoatiaras. *Rev. Inst. Hist. Geogr.* São Paulo, 48: 189-212.
- PEREIRA JUNIOR, J. A. 1967. Figurações e sinalações rupestres. In: *Introdução ao estudo da Arqueologia brasileira*. São Paulo, cap. 8, p. 153-187.
- PESSIS, A. M. 1987. *Art. rupestre prehistorique: premiers registres de la mise en scene*. Universite de Paris X - Nanterre. Tese de Doutorado de Estado.
- RAMOS, B. A. S. 1930. *Inscipções e tradições da América pré-histórica, especialmente do Brasil*. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. v. 1 e 2.

- RAUSCHERT, M. 1956. Bericht Über den Verlauf meiner Pará-Expedition 1954-55. *Z. Ethnol. Berl. Ges. Antrop.*, 8190.
- RIBEIRO, P. A. M.; MACHADO, A. L. C. & GUAPINDAIA, V. L. C. 1987. Projeto Arqueológico de salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil - Primeira etapa de campo (1985). *Rev. CEPA. Santa Cruz do Sul*, 14 (17).
- RIBEIRO, P. A. M.; RIBEIRO, C. T. & PINTO, F. C. B. 1989. Levantamento arqueológico no Território Federal de Roraima - terceira etapa de campo: 1989. *Rev. CEPA. Santa Cruz do Sul*, 16 (19).
- ROUSE, I. 1949. Petroglyphs. *Bull. Bur. Am. Ethnol.*, Washington, (143): 493-502.
- SÃO JOSÉ, J. F. 1869. Viagem e visita do Sertão em o Bispado do Gram-Pará, em 1762 e 1763, 2 ed. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, 9: 328-375.
- SHUBART, H. O. R. 1983. Ecologia e utilização de florestas. In: AMAZÔNIA - DESENVOLVIMENTO, INTEGRAÇÃO E ECOLOGIA. São Paulo, Brasiliense; Brasília, CNPq.
- SILVEIRA, L. T.; PINHEIRO, R. V. L. & PINHEIRO, S. V. L. 1984. *Roteiro Espeleológico das Serras do Ererê e Painuna (Monte Alegre - Pará)*. Grupo Espeleológico Paraense/GEP. Inédito.
- SIMÕES, M. F. & ARAÚJO COSTA, F. 1978. Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi*. Belém, (30): 1-160.
- WALLACE, A. R. 1979. *Viagem pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte, Itatiaia, 317p. il. (Coleção Reconquista do Brasil, 50).
- WILLIAMS, D. 1985. *Petroglyphs in the prehistory of northern Amazonia and Antilles*. 76p. *Advances in World Archaeology*, vol. 4, Academic Press, Inc.

Recebido em 11.07.91

Aprovado em 16.09.91